

IMAGEM CORPORAL: PÚBLICO, PRIVADO, SUPERFÍCIE, ÂMAGO.

BODY IMAGE: PUBLIC, PRIVATE, SURFACE, ESSENCE

Rafaela Norogrando¹

Resumo

Este artigo discute a imagem do corpo por suas interpretações e relações. Toma como base duas propostas de exposições feitas ao redor do mundo com a temática do corpo humano: *Body Worlds* e *Bodies: The Exhibition*. Acredita-se que essas auxiliem a ilustração dos questionamentos quanto a relação do ser humano com o seu corpo por dicotomia entre suas realidades e subjetividades, muitas vezes expressas pela arte ou pela ciência. Nota-se que o corpo é encarado como um objeto relegado ao contato desumanizado, por uma relação desentimentalizada e objetiva, mas também vivido como superfície simbólica e material de todo um imaginário pessoal e humano.

Palavras-chave: imagem; corpo; simbolismo; cultura.

Abstract

This article discusses the interpretations and relations about the body image. It is based on two exhibitions held around the world with the human body's theme: *Body Worlds* and *Bodies: The Exhibition*. They illustrate questions about the relationship of people with their body by dichotomy between their realities and subjectivities, often expressed through art or science. It is possible to understand that the body is seen as an object, by a dehumanized contact in a objective

¹ Rafaela Norogrando é mestre em Antropologia Social e Cultural. Atualmente está a finalizar o doutorado em Design e atua como investigadora associada ao ID+ (Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura), Universidade de Aveiro e FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia). É autora do blog "i-material | moda. museu. cultura. sociedade. patrimônio. humanidade", onde expõem parte de suas pesquisas e informações sobre assuntos relacionados às áreas de interesse.

relationship, but also lived as a symbolic and material surface of all personal and human imaginary.

Key words: image; body; symbolism; culture.

Introdução

Este artigo tem como objetivo investigar relações que envolvem a imagem do corpo no que diz respeito ao limite plástico da existência, e a superfície de relação entre o público e o privado. Neste sentido, são apresentados posicionamentos possíveis quanto as reações opostas na relação a uma mesma imagem e discute-se a materialidade do corpo versus a sua humanidade simbólica. A discussão assume um carácter aberto não conclusivo, já que, por mais amplas que sejam as possibilidades de análise e enfoque, o corpo humano é sempre uma representação do interior repleto de significados e subjetividades e, em mutação e comunicação com o espaço e a sociedade cultural nos quais está inserido.

Como base reflexiva para a discussão abordou-se dois trabalhos que apresentam o corpo humano (através da utilização de cadáveres) em exposições ao público em geral: "*Bodies: The Exhibition*" e "*Body Worlds*". A análise inicial aborda o que denominou-se como "Corpo Exposto" e é dada mais ênfase a esta parte. Para enriquecer as reflexões, apresentam-se três situações que tratam de corpos humanos em atividade vivencial: Em "Corpo Transposto", apresenta-se uma pessoa real com corpo real, anônima e brasileira em um processo de cirurgia plástica; depois, uma pessoa real com corpo artístico, internacionalmente conhecida, francesa e também neste processo cirúrgico; e por fim, em "Corpo Concebido", a imagem é de pessoas fictícias produzidas para entretenimento por uma empresa americana. No entanto, como exemplifica-se, esta situação em que o corpo é recriado em função do âmagô em uma representatividade da alma também já é vivenciada em situações reais.

O método de análise utilizado consistiu na coleta de dados e articulação entre os mesmos a ter como foco a relação das pessoas com o corpo, seus anseios pessoais

e sua contextualização sociocultural. Neste sentido, na primeira parte (Corpo Exposto) foi necessário verificar a metodologia de produção dos objetos em exposição, declarações feitas pelos responsáveis em seus sites oficiais e na imprensa. Também foram consideradas as declarações de espectadores quanto a sua experiência, ou seja, opiniões sobre o efeito causado pelas imagens. Essas informações foram coletadas nos sites oficiais, artigos jornalísticos, vídeos, entrevistas informais e interpretações da mídia.

Corpo Exposto

A seguir uma ordem cronológica, o primeiro trabalho a ser apresentado é o do anatomista alemão Dr. Gunther von Hagens, formado pela Universidade de Heidelberg e casado com a Dra. Angelina Whalley que, conforme site oficial, administra o negócio e projeta as exposições *Body Worlds*.

Em 1977, no instituto de anatomia da referida universidade, o Dr. Hagens inventou e posteriormente patenteou a "Plastinação" (*Plastination*), técnica que consiste no processo de dissecação e preservação de organismo morto; órgãos, músculos, veias do corpo humano ou de animais. A grande descoberta tem em destaque a conservação mais simples e duradoura e a eliminação de odores naturais do processo de putrefação. O processo é complexo, requer muita informação específica, e conforme o site oficial são necessárias mais de mil horas de trabalho para a preparação de um corpo. Muitos dos profissionais que atuam com o Dr. Gunther são médicos ou estudantes da área.

Com o objetivo inicial de melhoria da técnica para a preservação de ferramenta de estudo – corpo humano para anatomia médica – as amostras permitem não somente aos estudiosos e profissionais da área da saúde uma nova possibilidade de estudo, mas também às pessoas comuns o conhecimento e melhor percepção de seu próprio corpo. Entretanto, mesmo que inspirando-se no período do Renascimento, quando artistas evidenciavam em seus desenhos acontecimentos do

quotidiano ou outras atividades humanas, como autópsias ou cadáveres de guerras e batalhas, o trabalho do Dr. Gunther não foi facilmente recebido. Um dos motivos mencionados foi de que a exposição de seu trabalho não apresentava as estruturas do corpo humano, mas eram o próprio corpo humano exposto de forma crua, científica, porém fora do meio científico. Isto gerou questionamentos motivando discussões sobre ética e direitos humanos. Levantou-se a dúvida sobre a procedência dos corpos (ULABY, 2006), e por exemplo quanto a necessidade de uma autorização anterior para o uso e exposição dos mesmos. São questões plausíveis, principalmente quando sabe-se que são de posse do Dr. Gunther não somente corpos humanos, mas fábricas deles (THE INDEPENDENT, 2007), ou melhor, institutos de *plastinação*.

Desde 1995 já foram feitas diversas exposições, principalmente nos Estados Unidos e Alemanha. Ao mesmo tempo em que se utiliza de um processo e metodologia científicos o anatomista também carrega os corpos – matéria plastificada – de simbolismos, familiaridades, e ações. Por vezes, o resultado final pode até mesmo ser avaliado como interferências debochadas da tão real e plástica materialidade que é composto o ser humano (e os animais).

A morte como questão derradeira da existência humana é repleta de mistérios e mistificações. O corpo sem vida é a matéria evidente de um fim comum quando a individualização perde seu sentido, o processo de putrefação é natural e inerente ao status ou diferenciação social.

Quando o corpo de pessoas mortas é exposto a pessoas vivas, estas – em sua grande maioria – expressam um sentimento de desconforto. Quando isso é apresentado de forma científica, ou melhor, de forma mais desentimentalizada e objetiva a reação é facilitada por um sentimento de distanciamento e pouca identificação, pois não são as vísceras que olhamos ao espelho!

A tecnologia tem o poder de criar distanciamento, afasta a intervenção humana e possibilita uma visão mais científica, virtual. Consiste em uma visão descorporificada, desumanizada, sem sentimento ou emoção: a verdade de forma

real desprovida de moralidades. Entretanto, ainda que munido de processo científico complexo, quando esses corpos são apresentados “com vida”, com atitudes de um ser humano ativo, ou ainda, com deboche ou a reflexão do inusitado, o que pode-se constatar é a denominação dada ao Dr. Gunther von Hagens por Dr. Frankstein (Veras, 2009) – mais comumente conhecido Dr. Morte (THE INDEPENDENT, 2007):

Eu sou um cientista com senso de estética. Eu trago a anatomia para as pessoas de uma maneira emocional. (...) Eu não desumanizo um espécime – eu não mudo uma perna por um taco de golfe ou um pênis por um revólver. Eu não faço Damien Hirst². Estou sempre sobre a anatomia. Eu sou um anatomista, não um artista. (von Hagens ao jornal *The Independent*, 30/10/2007 – tradução: autora).

No entanto, ao contrário de sua afirmação, o médico ganhou notoriedade como artista por sua frieza científica conjugada a “estética do emocional” ou a “estética da necrofilia”, quando aponta para “um dos últimos tabus culturais, um dos primeiros da humanidade: a morte” (Cesarotto 2002). Além disso, Hagens reforça esta imagem de artista-cientista em linguagem indumentária³ alusiva ao quadro “A lição de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp” de Rembrandt (1632) e por outras amostras que são declaradas como inspiradas em obras e performances artísticas.

O segundo trabalho foco desta discussão intitula-se *Bodies: The Exhibition*, dirigido pelo Dr. Roy Glover, que também iniciou o seu trabalho de conservação de corpos humanos vinculado a uma universidade, neste caso em Michigan nos Estados Unidos (20MINUTOS, 2007).

A exposição apresenta corpos humanos, alguns em posições específicas, como por exemplo em atividade desportiva, ou fatiados para melhor se verificar as superfícies ou posições de cada parte da estrutura física humana. Também apresenta

² Artista britânico famoso por preservar animais em formaldeído e por fazer interferências com objetos na estrutura do corpo ou partes dele. Está na lista anual da revista *ArtReview* sobre pessoas importantes do mundo das artes. Disponível em WWW: <URL: http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2005/10/051031_hirstcl.shtml: >

³ Considera-se a indumentária como texto visual, meio de comunicação munido de significados que são decodificados conforme o conhecimento de seus símbolos e a relação destes com culturas e contextos.

alguns órgãos em separado, como por exemplo a amostra de um pulmão saudável ao lado de outro de cor escura, alterado pelo hábito do fumo. Este tipo de paralelismo tem a intenção de proporcionar, direcionar e favorecer comparações, pois como afirma o Dr. Glover “é a melhor forma das pessoas entenderem, não só como o corpo funciona mas também verem o impacto das doenças no corpo” (TV CIÊNCIA, 2007).

Em Portugal a exposição realizou-se em Lisboa entre Maio e Setembro de 2007 com o título “O corpo humano como nunca se viu” e teve como patrocinador oficial um dos bancos do país por um programa educacional. No total foram expostos 17 corpos humanos e 250 órgãos ou fragmentos corporais dispostos em 9 galerias temáticas: Esqueleto, Sistema Muscular, Sistema Circulatório, Sistema Reprodutor e O Corpo Tratado. O número de visitantes foi de 165 mil pessoas e o evento foi considerado um grande feito pelo organizador José Cardoso, que teve como base de análise 10 milhões de habitantes no país⁴.

No livro “Picturing science, producing art” (JONES; GALLISON, 1998), na seção dedicada ao corpo, alguns estudiosos apresentam a importância e o poder da imagem em produzir conhecimento sobre e através do corpo. De encontro a isto, o ministro da saúde de Portugal, Correia de Campos⁵, bem como o presidente da comissão científica da exposição em Portugal, o Prof. Doutor Francisco José de Castro e Sousa (TV CIÊNCIA, 2007), afirmaram a sua impressão quanto ao positivo efeito pedagógico que as imagens dos corpos humanos em sua forma subcutânea proporcionam, com destaque quanto aos efeitos do hábito de fumar (no caso, referiam-se ao que viam na exposição realizada no país).

Por meio dos registros do público no livro de saída da exposição pode-se ter uma ideia da percepção de algumas pessoas sobre a mesma, entretanto, acredita-se que seja provável uma certa parcialidade quanto as opiniões registradas. Muito embora isso não desmereça a opinião de agrado e estado maravilhado quanto a

⁴ .[Consult. 15 Janeiro. 2010]. Disponível em WWW:<URL:http://www.ocorpohumano.net/>.

⁵Idem.

possibilidade de visualizar e conhecer a imagem do corpo humano, quem foi visitar a amostra declara ser uma experiência fascinante (JORNAL DA GLOBO, 2007) – independentemente da nacionalidade do expectador ou do país em que teve acesso à exposição. Entretanto, acredita-se que mais pessoas pensem como o ex-presidente da Venezuela, Hugo Chaves, que após uma análise “ética e moral” sobre a intenção da exposição proibiu a exibição em seu país (G1, 2009), o que certamente não foi uma opinião unânime, se observarmos a participação de uma organização venezuelana para a realização do evento.

No Brasil, a exposição levou o nome de “Corpo Humano: Real e Fascinante”⁶, aberta para o grande público em Março de 2007 na capital paulista. No ano seguinte foi apresentada no Rio de Janeiro e em 2009 em Porto Alegre, onde nos dois primeiros meses já havia sido visitada por 90 mil pessoas. Segundo os organizadores, em São Paulo o público chegou a 450 mil e no Rio a aproximadamente 220 mil pessoas.

O diretor técnico do Instituto Médico Legal (IML) de São Paulo, o médico legista Carlos Alberto de Souza Coelho acredita que a exposição “traz a possibilidade para as pessoas entenderem o organismo por dentro” por ser bastante interessante e rica de informação. No entanto, destaca que é apresentada uma parcela muito inicial da formação de conhecimento exigida para um médico, pois na exposição os órgãos estão plastificados e “na sua formação, um médico precisa muitas vezes ver o órgão em movimento, em atividade”, explica o legista (G1, 2007).

O Dr. Gunther von Hagens é médico e professor assim como o Dr. Glover, e ambos declaram a preocupação e intenção em possibilitar o conhecimento e exposição do corpo humano para além dos profissionais que se dedicam à área da saúde. Os processos utilizados para a obtenção dos objetos expostos são praticamente similares. Embora alguns procedimentos e produtos utilizados sejam diferentes (G1, 2007), o conjunto de atividades, especialidades, especialistas

⁶ Consult. 20 Janeiro. 2010]. Disponível em WWW: URL:<http://www.corpohumanopoa.com.br/en/index-text.php>

envolvidos e objetivo material final é o mesmo⁷, além de que, parte das exposições podem ser facilmente confundidas – como é possível verificar nas figuras 1 e 2.

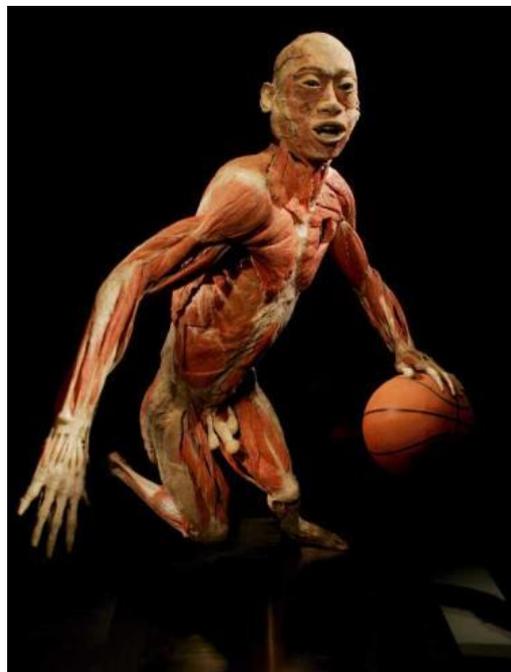


Figura 1: Bodies: The Exhibition. Foto EPA. Tvi24_Portugal (imagem divulgação).

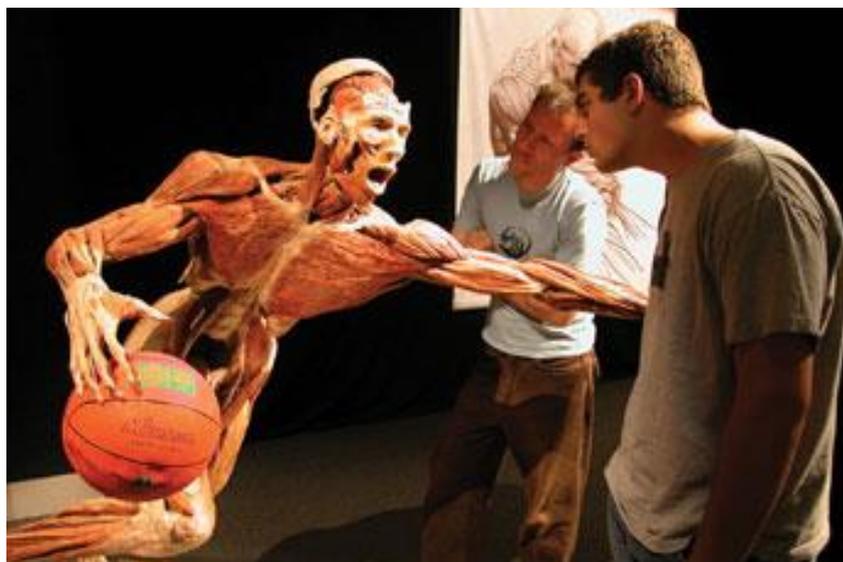


Figura 2: O jogador de basquete e visitantes no Body Worlds, Los Angeles, 2004/2005 (imagem divulgação) Copyright: Gunther von Hagens, Institute for Plastination, Heidelberg, Germany, www.bodyworlds.com

⁷Compara-se o produto final como sendo o mesmo em termos estéticos de imagem na observação de um espectador comum. Análises mais profundas e detalhadas quanto a variáveis e possibilidades distintas de cada técnica não foram levadas em conta, para isso consultar reportagem do The New York Times. Disponível em WWW: URL:<http://www.nytimes.com/2000/03/07/health/a-new-student-aid-plastic-body-parts-made-from-the-real-things.html?pagewanted=all>

No entanto, a exposição do produto final deste trabalho científico apresenta por vezes algumas peculiaridades distintas e por estas, e principalmente por sua repercussão, é possível compreender a preocupação do médico americano em não ter sua exposição comparada à do médico alemão.

Todo o trabalho da exposição americana e o seu objetivo são claramente apresentados por seu mentor, Dr. Roy Glover, como um instrumento de conhecimento científico e educacional. A sua maior preocupação é a declaração pelo científico (versus o artístico?), o informativo e educacional (versus a agressão reflexiva?), o jurídico-legal, o correto, exato, o não questionável moralmente.

Bodies: The Exhibition é declarado trabalho científico de educação, e *Body Worlds* foi classificado artístico. Na atualidade ambos são renomadamente conhecidos e identificados por sua excelência técnica e pelo fascínio da experiência, ainda mais quando as dimensões são testadas e um elefante inteiro também é "palstinado"⁸. Ainda assim, acredita-se ser relevante a menção a tais formas de classificação das exposições, ou dos desconfortos associados as mesmas.

Segundo a contextualização de Caroline Jones e Peter Galison sobre a produção de conhecimento ao longo da história, com destaque ao encontro e oposição de algumas formas de gerar e analisar este conhecimento, arte e ciência estão histórica e culturalmente incorporados. Os autores iniciam a análise ao final do século XIX com a Revolução Industrial, quando por necessidade ideológica ou econômica, arte e ciência assumem objetivos distintos, ou melhor, a cada um são atribuídas e mesmo assumido áreas de conhecimento díspares. Entretanto, na metade do século XX esta distância começa a ser questionada por diversos autores, a exemplo da era Gestalt. Com isso é possível observar que no decorrer da história a relação entre arte e ciência é distinta, distante ou interligada. Conforme o movimento de cada período histórico a relação entre partes é feita de acordo com a necessidade do discurso. Antes dos

⁸ Experiência in loco: Exposição Animal Inside Out realizado pela equipe de Gunther von Hagens no Museu de História Natural de Londres. Período 6 de Abril a 16 de Setembro de 2012.

dois períodos citados, como por exemplo no Renascimento Europeu, já se faz confusa a distinção quando observa-se os trabalhos do renomado artista Leonardo da Vinci.

Dessa forma, com base nos exemplos das exposições mencionadas nesta discussão, um importante ponto de reflexão consiste na compreensão acerca da classificação das mesmas em opostos binários, em uma bifurcação na produção de conhecimento, já que “arte e medicina compartilham metáforas somáticas de signo, sintoma, e mão e toque” (STAFFORD, 1997, p.36) e a prática empregada em *Body Worlds* e *Bodies: The Exhibition* é a mesma em processo científico e de complexidade. Além disso, outras questões emergem a partir deste ponto: como é a relação dos seres humanos com seu corpo físico? Por que é tão complicada a relação do ser humano com o seu corpo enquanto matéria orgânica?

Nas exposições de *Body Worlds* o que acontece não é somente a apresentação do corpo científico, mas a apresentação deste através da inserção de simbolismos, algo que somente a cultura, a humanidade é capaz de atribuir, pois faz parte das crenças, mitos e sentimentos quanto ao intangível. Nas palavras do autor:

Eu espero que as exposições sejam lugares de iluminação e contemplação, mesmo de auto-reconhecimento filosófico e religioso, e aberto à interpretação, independentemente do contexto e da filosofia de vida do expectador” (von Hagens, site oficial – tradução: autora).

Nesta declaração o médico expressa o desejo de unir diferentes áreas, setores do conhecimento e interatividade social e pessoal totalmente dissociados em muitas sociedades.

A frase “natureza humana” é algo que eu penso como tendo um duplo sentido. “Natureza Humana” é na verdade tudo que nós construímos a nossa volta. (...) E não estou tentando dizer que a “Natureza” se foi. Só que é totalmente problemática. Não há tecnologia pura, e não há natureza pura. O mundo é um dado. Pode nos preexistir, mas nós estamos presos com o que estamos a fazer com ele. (...) torna-se uma construção humana (Peter Hoberman in Jones;

Galison,1998, p.208 – tradução: autora).

Assim, se o corpo é natureza humana, por que o corpo sem vida mas com intenção repugna tanto? Seria este não mais parte do que denomina-se por natureza humana? Por que ele em sua natureza “pura” é estranho e necessário de mudança? – a pensar em cirurgias plásticas. A mecanização do corpo não assusta tanto quanto sua matéria crua, carne e sangue. Ou mesmo a sua subjetividade, o sentimento, a emoção, o espírito, o ser, o âmago.

Corpo Transposto

Cada vez mais pessoas recorrem a tratamentos de beleza, o que, segundo análise do sociólogo Lipovetsky (2000), consiste em uma das poucas “coisas” realmente democratizadas na atualidade. Os números estatísticos de cirurgias plásticas aumentam e também a renda da indústria de cosméticos. Segundo pesquisa encomendada pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, constatou-se que no Brasil foram feitas 1252 cirurgias estéticas por dia entre Setembro de 2007 e agosto de 2008, o que resulta em um total de 547 mil cirurgias deste tipo⁹. Conforme o último registro divulgado pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica (ISAPS), em 2011 no Brasil foram realizadas 905.140 cirurgias plásticas, ficando este como o segundo país no ranking mundial, antecedido pelos EUA e seguido pela China (LAMAS, 2013). Já em 2013 confirma-se o aumento de 120% em cirurgias no país entre 2009 e 2012, sendo que para o referido ano esperava-se um crescimento mínimo de 20%, dos quais a maioria seria por cirurgia estética e 1/3 para cirurgias reparadoras - fruto de atentados da violência urbana. (Jornal Hoje, 2013).

Neste contexto convém referir a descrição feita por Edmonds, doutor em antropologia, sobre a imagem de mulheres que buscam tratamento cirúrgico por motivo estético. Seu trabalho de campo foi feito durante um ano, em uma clínica

⁹ Dados: Instituto Datafolha. Publicação: O Estado de S. Paulo, 13/02/2009. [Consult. 14 Junho. 2010]. Disponível em WWW: URL: <http://www.cirurgioplastica.org.br/publico/ultimas09.cfm>

particular e num hospital público no Rio de Janeiro, o que possibilitou verificar a imagem dessas mulheres independentemente da limitação econômica, e desta maneira, validar que “as práticas embelezadoras possam ajudar a reduzir as distinções de classe, [e assim] a beleza também pode ser considerada um tipo de capital que permite a mobilidade social” (2002, p.255-256). O corpo como um capital a ser investido também é uma tese defendida pela antropóloga Mirian Goldenberg (2010).

Edmons ainda mostra que a relação com o corpo não é puramente estética, mas que a busca da estética está carregada de medos e preconceitos pessoais, familiares e sociais, de caráter muito mais intrínseco do que puramente externo ou plástico. Nas palavras de Cassier, “A própria idealização, medida pela simples “verdade” daquilo que se quer representar, não passa de distorção subjetiva e desfiguração” (2006, p.20). O antropólogo também verifica a complexidade na qual a “plástica pode ser vista como um tipo de conjunção entre feminilidade como *restrição à liberdade* e a feminilidade como *meio de liberdade*” (2002, p.205).

É por meio do corpo que toda uma transformação é expressa, exteriorizada. Não se busca a destruição da imagem, mas sim a sua reconstrução idealizada, ou mesmo uma reconstrução congelada no tempo pela necessidade da juventude eterna. Fora situações exageradas ou extremas¹⁰, as intervenções cirúrgicas na estética corporal já consistem em uma atividade absorvida, uma característica da sociedade contemporânea. Desta maneira, não causam interferência no sentimento alheio, ou melhor, por vezes é a ausência de intervenção que causa desconforto dada a singularidade de formas banalizadas de um padrão estético aceito como perfeito, ou “normal”.

A segunda imagem neste contexto é da artista plástica *Orlan*, que como outros artistas expõem performances nas quais o seu material de trabalho é o próprio

¹⁰ Exemplo da americana Cindy Jackson, recodista de cirurgias plásticas no Guinness, onze vezes consecutivas, ou da deformada socialite suíça Jocelyn Wildenstein.

corpo¹¹. Em uma antiga performance ainda muito representativa conforme dados oferecidos pela ISAPS ela apresenta cenas de uma sala cirúrgica transformada em atelier, onde seu corpo é modificado a cada *performance* pelos mesmos instrumentos e técnicas utilizados nas cirurgias médicas. É a iconização da imagem “real” apresentada anteriormente.

Segundo análise sobre o trabalho da artista, sua intenção consiste em “lutar contra o que é inato, o inexorável da natureza” (GOELLNER; COUTO, 2007, p.126):

A artista usa sua corporalidade como uma espécie de encontro entre a *performance* metamorfósica e *bodybuilding*. O culto ao corpo e a construção física da suposta perfeição se convertem em um feito habitual em nossa época. (...) não basta apenas aperfeiçoar o corpo, tem que modificá-lo! (2007, p.124 _destaques dos autores).



Figura 3: Orlan na performance *opération réussie*, 1990.
Fonte: Site oficial da artista plástica <http://www.orlan.net/operationreussie.html>

¹¹ A jornalista C. Requena apresenta, Orlan, Ron Mueck, Jane Alexander, Alex Flemming e Marcel.Í Antúñez Roca, em análise conjunta aos trabalhos de von Hagens e Glover no artigo “Artistas contemporâneos exploram corpo humano em obras polêmicas” publicado em 02/03/07. [Consult. 05 Fevereiro. 2013]. Disponível em WWW: URL:<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL8475-7084,00.html>. Além dos artista citados pode-se acrescentar Sterlac, que faz interações entre corpo humano e máquinas tecnológicas integrando-os dentro ou fora de sua própria matéria corporal.

Ocorre um trabalho de desconstrução e reconstrução do corpo, a intervenção não somente na matéria, mas no processo natural de alteração. A imagem é constantemente destruída ou alterada, o que podemos relacionar aos iconoclastas que não são contra imagens, mas contra a sua estagnação, pois acreditam não ser possível livrar-se delas já que "a verdade é imagem, mas não há uma imagem da verdade" (LATOIR, 2008, p.131).

Assim, essas duas imagens apresentadas sobre a ação de transformar o corpo estão vinculadas ao corpo privado em comunicação com o espaço público, e fazem parte de uma resposta ao contexto que estão inseridos. Como Edmund constatou, por vezes, a transposição do corpo parte de uma necessidade de aceitação e vinculação com o meio, mais do que com o íntimo. Neste sentido, Orlan coloca o seu próprio corpo neste estado de desvinculação com o âmago, torna-o público. Os corpos modificados são matéria em propósito de uma imagem, e o sentimento inerente a esses faz-se muito mais pelo público do que pelo privado. A necessidade de transformar o corpo frente a uma relação com o meio, mais do que uma consciência ou vontade privada também é destacada no programa de TV "Last Chance Saloon" da Discovery (UK). Os episódios sobre as cirurgias plásticas nos seios são um bom exemplo disso, principalmente quando as pessoas são confrontadas com os riscos e realidades do procedimento.

Corpo Concebido

Este terceiro corpo aqui apresentado poderia ser o resultado extremo do corpo transposto, alterado por intervenções diversas, mas está aqui separado por ser fruto de um anseio íntimo antes de um desejo por configuração em contexto sociocultural.

Assim, a terceira imagem foi retirada de South Park, um episódio do desenho animado de Trey Parker e Matt Stone: *Mr. Garrison's Fancy New Vagina*.

Em resumo, o que ocorre neste episódio é primeiramente a mudança de sexo de um dos personagens: Mr. Garrison é homossexual e quer se tornar mulher, ganha

uma vagina – e somente esta imagem e parcela corpórea do complexo universo feminino, o que já apresenta complexidades. Com o que restou do corpo do Mr. Garrison o médico faz mais duas cirurgias em outros dois personagens. Um deles é um jovem que tem o sonho de ser jogador de basquete, entretanto, não possui o tipo físico adequado e por meio da operação consegue se tornar alto e negro – até este ponto, algo não muito fora das possibilidades tecnológicas da medicina contemporânea. A mudança de sexo, a alteração na pigmentação da pele ou mesmo o aumento da extensão da estrutura óssea já são possíveis. No entanto, como é apresentado no desenho, algumas destas alterações não conseguem abranger tudo que a mudança intencionava, fica-se na superfície, na imagem do que poderia ser, sem as possibilidades almejadas pelo desejo da mudança.

A outra cirurgia realizada alcança o extremo do produzir no corpo externo a imagem interna, o imaginário e subconsciente de identidade ou identificação. O personagem amava golfinhos e decide, induzido emocionalmente pelo médico, transformar seu corpo humano na imagem do corpo animal¹². Porém, assim como os outros personagens, a conquista foi da imagem pessoal externa e não na abrangência de possibilidades físicas as quais o sonho, agarrado a intervenção cirúrgica, imaginou. Por exemplo, Mr Garrison tinha uma alma de mulher, mas a cirurgia não possibilitou que gerasse um bebê. Nestes exemplos aparece muito mais a relação emotiva e pessoal para com o corpo do que uma imagem esperada pelo contexto externo. Assim, o corpo é a superfície simbólica do âmago.

¹² Fora do mundo fictício, encontra-se o norte-americano Dennis Avner: “homem-gato”, “homem-tigre”.



Figura 4: Imagem de identificação à imagem corporal.
Fonte: Cena do episódio *Mr. Garrison's Fancy New Vagina*, South Park.
Vídeo no site oficial <http://www.southparkstudios.com/episodes/103817>

Considerações Finais

Todas as imagens expostas podem ser analisadas em sua complexidade e podem abrir caminhos distintos de estudo sobre o corpo, e por isso são significativas neste artigo, por apresentarem as diversidades da relação do ser humano para com sua matéria física, o quanto existe de plástico e material ou o quanto mais existe de relação sentimental e psicossocial.

A intenção desta discussão foi refletir sobre a relação das pessoas com sua matéria corpórea, sem almejar ou acreditar que possa existir uma conclusão decisiva quanto a isso. Ao apresentar algumas imagens abriu-se a possibilidade do questionamento na tentativa de explicitar algumas relações entre a superfície do corpo e a profundidade de interações socioculturais e fora do domínio consciente e racional do ser humano.

O corpo humano ganhou expansão por meio da tecnologia (SANTAELLA, 2004), mas sua relação do exterior com o interior parece não ter sido ampliada, ou melhor, a relação do espírito com a matéria por vezes parece desmembrada. Assim, o orgânico misturado ao sentimental, o plástico ao emocional continua sendo negado como forma natural e relegado ao contato desumanizado, por uma relação desentimentalizada e objetiva, como a um objeto a ser estudado e modificado.

Talvez seja também por isso que quando algo apresenta não só o científico, mas a natureza humana em sua amplitude, seja considerado arte, pois foge do visível e apresenta uma imagem sobre outras, na destruição destas ou na sua compilação. Quando um objeto, ou – a tomar as exposições como exemplo – quando o órgão do coração é apresentado sobre uma mesa o que se vê é o órgão em separado para observação. Quando este está nas mãos de seu corpo exposto ele deixa de ser órgão e ganha significado. É este significado cultural que perturba, pois as cognições precisam ser e são forçosamente sobrepostas. Por estes e tantos outros motivos, é estranho verificar por quantas vezes a “arte” é relegada ao plano secundário de interesses políticos, econômicos ou pessoais. Mesmo não sabendo para o que ela serve¹³, ainda assim, arte é reflexo de nossa humanidade, parte integrante de nosso espírito, nossa sensibilidade, elo de compreensão e encontro de nosso imaginário, de nossa existência. “Qualquer forma simbólica da linguagem, assim como da arte ou do mito, (...) abriga, em seu íntimo, um foco de luz próprio e peculiar” (CASSIRER, 2006, p.25).

Ambas as exposições referenciadas neste artigo apresentam algumas similaridades, tanto na apresentação dos cadáveres quanto nas reações do público visitante. Os discursos afastam-se e aproximam-se. Os outros exemplos também

¹³ Aqui faz-se referência o questionamento lançado pelo escritor, dramaturgo e roteirista de TV e cinema Alcione Araújo. Com um interessante desenvolvimento, juntamente com a Profª. Maria Helena Pires Martins (USP) e Adriano Nogueira (consultor MINC-PNUD-ONU e Inst. Paulo Freire) discute-se a necessidade de fortalecer a educação do Brasil com base nas disciplinas pouco valorizadas no mercado atual. Debate sobre Cultura e Educação promovido pelo projeto Cultura Viva do Ministério da Cultura do Brasil. [Consult. 25 Março. 2013]. Disponível em WWW: URL:<http://www.vivaculturaviva.org.br/index.php?p=3&d=2>

auxiliam a percepção sobre a relação entre arte, ciência, público, privado, social, pessoal e o imaginário humano. A pele está contextualizada, é a roupa do ser humano com todo o significado que ele atribui a ela, por seus sentimentos e emoções, em seu contexto social, cultural ou transitório.



Figura 5: O Homem Pele.

Esta produção do *Body Worlds* pode ser relacionada a um desenho de Gaspar Becerra, contemporâneo a Michelangelo, publicado em 1556 no livro *Historia de la Composicion del Cuerpo Humano* de Juan Valverde de Amusco. Copyright: Gunther von Hagens, Institute for Plastination, Heidelberg, Germany, www.bodyworlds.com

REFERÊNCIAS

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CESAROTTO, Oscar Angel. *Estética da Necrofilia*. Folha de São Paulo [online]: 15/12/2002. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1512200219.htm> Acesso em 22/05/2013.

EDMONDS, Alexandre. No universo da beleza: Notas d campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e Vestido: Dez antropólogos*

revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.189-261.

G1 – Chávez proíbe exposição que mostra 'corpos verdadeiros plastificados.

14/03/2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1042639-5602,00->

[CHAVEZ+PROIBE+EXPOSICAO+QUE+MOSTRA+CORPOS+VERDADEIROS+PLASTIFICADOS.html](http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1042639-5602,00-CHAVEZ+PROIBE+EXPOSICAO+QUE+MOSTRA+CORPOS+VERDADEIROS+PLASTIFICADOS.html):, acesso em 10 março de 2013.

G1 – Para legista, público pode aprender com exposição 'Corpo Humano'.

28/02/2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL8156-7084,00.html>:, acesso em 19 março de 2013

ISAPS. ISAPS Global Statistics. Disponível em: <http://www.isaps.org/news/isaps-global-statistics>, acesso em 20 de agosto de 2013.

JONES, Caroline A.; GALISON, Peter. *Picturing Science Producing Art*. New York, London: Routledge, 1998.

Jornal da Globo. Corpo humano em exposição. 02/03/07. Disponível em:

<http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL887753-16021,00->

[CORPO+HUMANO+EM+EXPOSICAO.html](http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL887753-16021,00-CORPO+HUMANO+EM+EXPOSICAO.html):, acesso em 13 de março de 2013.

Jornal Hoje. Número de cirurgias plásticas no Brasil cresceu 120% entre 2009 e 2012. 17/08/2013. Disponível em: <http://glo.bo/1c0nqKy> , acesso em 26 de agosto de 2013.

LAMAS, Aline – Brasil é 1º em plásticas no bumbum e cirurgias íntimas, diz estudo.

G1, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/cirurgia->

[plastica/noticia/2013/02/brasil-e-1-em-plasticas-no-bumbum-e-cirurgias-intimas-diz-estudo.html](http://g1.globo.com/bemestar/cirurgia-plastica/noticia/2013/02/brasil-e-1-em-plasticas-no-bumbum-e-cirurgias-intimas-diz-estudo.html):, acesso em 24 de março de 2013.

LATOURET, Bruno. O que é Iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?

Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 14, n.29, jan/jun (2008), p.111-150.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

STAFFORD, Barbara Maria. *Good Looking: essays on the virtue of images*. Cambridge: MIT Press, 1997.

GOELLNER, Silvana Vilodre; COUTO, Edvaldo Souza. La estética de los cuerpos mutantes en las obras de Sterlac, Orlan y Gunter von Hagens. *Opcion*. vol.23, no.54, 2007. p.114-131. ISSN 1012-1587. Disponível em: http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1012-15872007000300008&lng=es&nrm=iso; acesso em 16 Janeiro de 2013.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital*. Editora das Letras e Cores, 2010.

The Independent – Body Factories. *The Independent* – Newspaper website.

30/10/2007. Disponível em:

<http://www.independent.co.uk/news/people/profiles/gunther-von-hagens-under-the-skin-of-doctor-death-395556.html> Acesso em 17/03/2013; , acesso em 20 março de 2013.

TV Ciência on-line. O Corpo Humano como nunca o viu. 05/05/2007. Disponível em: <http://www.tvciencia.pt/tvccul/pagcul/tvccul03.asp?codcul=60013>; , acesso em 3 de março de 2013.

ULABY, Neda. Origins of Exhibited Cadavers Questioned. *National Public Rádio*, EUA, 11/08/2006. Disponível em:

<http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=5637687>; , acesso em 19 de março de 2013.

VERAS, Eduardo. Exposição sobre o corpo humano começa hoje. *Zero Hora*,

07/03/2009. Disponível em:

<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Estilo%20de%20Vida&newsID=a2430701.xml>; , acesso em 18 de março de 2013.

20minutos. Roy Glover, portavoz de cadáveres. *20minutos*, 22/12/2007. Disponível

em: <http://www.20minutos.es/noticia/324873/0/biografia/bodies-the-exhibition/exposicion/>; , acesso em 15 março de 2013.

Websites:

Body Worlds – Gunther von Hagens:

http://www.bodyworlds.com/en/gunther_von_hagens/life_in_science.html

Bodies The Exhibition: <http://www.bodiestheexhibition.com/>

South Park Studios: <http://www.southparkstudios.com>

Orlan: <http://www.orlan.net/operationreussie.html>

Recebido em 26/08/2013

Aceito em 18/08/2014